

Ana Raquel Oliveira da Costa Possas: uma professora e pioneira da educação matemática no Amapá

Ana Raquel Oliveira da Costa Possas: a teacher and pioneer of mathematics education in the Amapá

Ageane Lígia Aranha Braga¹

 <http://orcid.org/0000-0002-3790-1609>

Eliane Leal Vasquez²

 <http://orcid.org/0000-0003-3530-1738>

Arlindo Moreira da Silva Filho³

 <http://orcid.org/0000-0002-5433-4765>

RESUMO: O objetivo do artigo é homenagear postumamente Ana Raquel Oliveira da Costa Possas. Ela foi uma professora de matemática da Educação Básica do Território Federal do Amapá e do Curso de Graduação em Matemática da Universidade Federal do Amapá. Utilizamos as narrativas como método de pesquisa para escrever o texto com base em memórias de familiares, docentes, ex-estudantes e amigos. A pandemia da COVID-19 provocou um impacto significativo na vida profissional e escolar da população do Estado do Amapá, pois o comércio e as instituições tiveram que fechar devido às medidas de restrição para tentar controlar a taxa de infectados pelo coronavírus (SARS-COV2). Crianças, mulheres e homens morreram devido ainda não existir vacina para imunizar a população brasileira. Nesse contexto de crise da saúde pública, em 29 de abril de 2020, a rede social noticiou, em Macapá, o falecimento de Ana Raquel Oliveira da Costa Possas. A servidora pública e professora dedicou a sua vida à educação matemática e trabalhou em escolas e na Universidade Federal do Amapá. Ela criou o Laboratório de Ensino de Matemática e trabalhou na pesquisa e orientação de monografias. Além de coordenar o Curso de Graduação em Matemática, sendo a primeira mulher que ocupou este cargo na gestão universitária e em parceria com outros professores, eles organizaram um livro. Na formação de professores de matemática, o amor e o respeito ao ser humano guiaram a forma como ela encorajava os estudantes universitários a construir o conhecimento matemático a partir da valorização do seu conhecimento, da relação com a natureza e a cultura.

Palavras-chave: Educação Matemática; Pandemia da COVID-19; Educação Superior; Memória; Homenagem Póstuma.

ABSTRACT: The aim of the paper is posthumously to honor Ana Raquel Oliveira da Costa Possas. She was a mathematics teacher in the Basic Education of Territory of Amapá and the Mathematics Undergraduate Course at the Federal University of Amapá. We use narratives as a research method to writing the text based on memories of family, teachers, former students, and friends. The COVID-19

¹ Mestra em Matemática pela Universidade Federal do Amapá, professora de matemática do Governo do Estado do Amapá, Secretaria de Estado da Educação, Escola Estadual Maria Ivone Menezes. E-mail: ageaneligia@bol.com.br.

² Doutora em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora adjunta do Curso de Graduação em Matemática da Universidade Federal do Amapá, professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional e do Programa de Pós-Graduação em Matemática em Rede Nacional na mesma instituição. E-mail: elianevasquez@unifap.br.

³ Especialista em Matemática Superior pela Fundação Educacional Severino Sombra, professor adjunto do Curso de Graduação em Matemática da Universidade Federal do Amapá, e-mail: arlindomoreirasf@gmail.com.



pandemic has had a significant impact on the professional and school life of the population of Amapá State, as trade and on institutions have closed due to restrictive measures to try to control the rate infected by a coronavirus (SARS-COV2). Children, women, and men die because there is still no vaccine to immunize the Brazilian population. In this context of public health crisis, on April 29, 2020, the social network reported, in Macapá, the death of Ana Raquel Oliveira da Costa Possas. The public servant and teacher dedicated her life to mathematical education and worked in schools and the Federal University of Amapá. She created the Mathematics Teaching Laboratory and worked in research and orientation monographs. In addition to coordinating the Mathematics Undergraduate Course, being the first woman who held this position in university management and partnership with other professors, they organized a book. In the training of mathematics teachers, love and respect for the human-guided the way she encouraged university students to build mathematical knowledge from the valorization of their knowledge, relationship with nature and culture.

Keywords: Mathematics Education; COVID-19 Pandemic; Higher Education; Memory; Posthumous Homage.

1. INTRODUÇÃO

Os assuntos da área da Educação Matemática (EM) são discutidos na formação inicial e continuada de professores na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Aqui, a EM enquanto pesquisa se desenvolve a partir do interesse de estudantes e professores do Curso de Graduação em Matemática, e da Pós-Graduação em níveis Lato e Stricto Sensu, e também através das publicações, que resultam do trabalho realizado pelas equipes de Grupos de Pesquisa do Brasil. Como referência, citamos Valente (2007), Borges, Duarte e Campo (2014), e Valente (2003), que registraram a trajetória profissional dos professores Ubiratan D'Ambrosio e Euclides Roxo, em suas pesquisas.

Para este artigo propomos abordar a trajetória docente de Ana Raquel Oliveira da Costa Possas (1949-2020), brasileira, natural da cidade de Santarém-PA, ex-servidora pública do Quadro de Servidores Inativos do Ex-Território Federal do Amapá e que faleceu aos 70 anos, devido às complicações causadas pelo Coronavírus (SARS-CoV-2)⁴.

Ela graduou-se em Licenciatura em Matemática e Licenciatura Polivalente de 1º grau pela Universidade Federal do Pará e obteve o título acadêmico de especialista em Ensino de Ciências pela Universidade Federal do Pará e mestra em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, onde desenvolveu a dissertação com o tema: “A Prática Pedagógica enquanto Mediação entre a Etnomatemática e Educação Ambiental”, sob a orientação do Prof Dr Marcos Antonio dos Santos Reigota (ÍNDIO, 2020; CNPQ, 2020; POSSAS, 2003a).

Na sua dissertação, ela apresentou uma proposta pedagógica, associando o ensino de matemática às situações da vida cotidiana e questões ambientais, com base em pesquisa em etnomatemática e pedagogia freiriana para aproximar as discussões das áreas da Educação Matemática e Educação Ambiental. Como desfecho, mostrou que os participantes do estudo foram desafiados a pensar sobre a resolução de problemas matemáticos, enfatizando a problemática ambiental no Estado do Amapá, o que oportunizou aos estudantes do Curso de Matemática da UNIFAP refletir sobre a formação de cidadãos críticos e atuantes em suas comunidades (POSSAS, 2003a).

⁴ O nome oficial do novo coronavírus é Síndrome Respiratória Aguda Grave de Coronavírus 2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 - SARS-CoV-2), tendo recebido essa nomenclatura por ter muita semelhança com o vírus SARS-CoV, o qual em 2002, causou epidemia de SARS, conforme explica Filho (2020).



No contexto da pandemia da Covid-19 no Estado do Amapá, em 2020, os serviços educacionais prestados de forma presencial pelas instituições de ensino superior e básico foram suspensos e passaram a ser ofertados pelo ensino remoto, em cumprimento a Portaria nº 544/2020 do Ministério da Educação. Decorrentes disso, a sociedade amapaense teve que cumprir as medidas de restrição de aglomeração de pessoas, isolamento social, *lockdown* e uso obrigatório de máscaras (BRASIL, 2020; AMAPÁ, 2020a; 2020b; MACAPÁ, 2020), com o fim de tentar diminuir os casos de infectados pelo coronavírus.

A respeito da educação em tempo da Covid-19, Lacerda e Tedesco (2020) organizaram e publicaram um livro que reúne quinze artigos de diferentes autores, abordando a experiência brasileira no ensino remoto e práticas educacionais baseadas no uso de tecnologias digitais, atividades síncronas e/ou assíncronas, tanto para socializar e produzir conhecimentos na educação básica, bem como para os professores e estudantes se comunicassem a distância. Portanto, criando narrativas digitais, e que refletem sobre seus desafios e possibilidades, além de outros assuntos.

Com base em nosso levantamento de trabalhos sobre a trajetória profissional de professoras da educação básica no Estado do Amapá, localizamos apenas dois estudos (SILVA; VASQUEZ; FEIO, 2017; CARVALHO; VASQUEZ, 2020), publicados como capítulos de livros e que foram organizados por Gonçalves e Fraiha-Martins (2017) e Freitas et al. (2020).

A partir de dados obtidos em pesquisa-formação em um grupo focal, Silva, Vasquez e Feio (2017) concluíram que professoras do Ensino Fundamental I do Estado do Amapá, trabalham com estratégias de ensino diversificadas, usando material didático manipulativo, dinâmicas de grupos, buscando relacionar os assuntos da Matemática com as demais disciplinas da educação básica a partir de uma abordagem interdisciplinar. Enquanto, a prática docente, no que se refere as aulas de matemática, conforme as narrativas das professoras é entendida como um processo de construção contínuo, caracterizado pela diversificação em cada experiência docente vivida com as crianças e estudantes que são os sujeitos dos processos educativos formais, implicando em lidar com as experiências escolares, as aprendizagens e os desafios próprios de docentes que ensinam Matemática e também Português, Ciências, História e Geografia.

Outra experiência de ensino que se registrou a partir de pesquisa narrativa no Amapá, refere-se ao trabalho de Carvalho e Vasquez (2020), que enfatiza relatos de professoras que atuam na escola da prisão. Foram apresentadas as vivências de Andrezza Alexander Coelho e Maria Deusa dos Santos, que trabalham com a oferta de cursos de educação básica às pessoas presas e estudantes da Escola Estadual São José (EESJ). As suas narrativas autobiográficas destacaram sobre a experiência de ensino em Educação Física e na Alfabetização. Em síntese, elas relataram sobre o trabalho docente que desenvolvem no Instituto de Administração Penitenciária do Amapá (IAPEN) e na Coordenadoria da Penitenciária Feminina (COPEF), na cidade de Macapá, apontando aspectos da metodologia adotada em sala de aula, dificuldades enfrentadas e como se sentem ao trabalhar na escola da prisão, revelando uma das faces da experiência humana e escolar no contexto de encarceramento.

2. MÉTODO E MATERIAL

O trabalho foi desenvolvido para atender a convocatória encaminhada aos professores da UNIFAP pelo Memorando Circular nº 48/2020-CCM, que solicitava a submissão de artigos



à Edição Especial: Matemática aplicada aos estudos da COVID-19 da revista eletrônica *Science and Knowledge in Focus* do Curso de Graduação em Matemática (UNIFAP, 2020b), cujo seu objetivo era:

Fomentar o debate relacionado aos estudos sobre a COVID-19 no Brasil e no mundo, enfocando os impactos e as mudanças na vida pessoal, profissional e estudantil no período de pandemia, assim como o número de casos confirmados, óbitos, taxas de letalidade, entre outros aspectos relacionados ao isolamento social e confinamento em casa. Além de experiências de ensino realizadas a distância por professores durante a pandemia, com foco no ensino de matemática (UNIFAP, 2020b, p. 1).

Os dados e as informações foram coletados com base em pesquisa bibliográfica e narrativa no período de 15 de maio até 08 de dezembro de 2020. Inicialmente, buscamos artigos que abordavam a trajetória de professores de matemática no Brasil. Em seguida, partimos para a seleção de material, com foco em pesquisa narrativa de professoras do Estado do Amapá e também notícias do falecimento da professora Ana Raquel Oliveira da Costa Possas, que foram postadas nos Websites da UNIFAP, do Selesnafes e dos Inumeráveis.

Finalizamos a coleta de dados, com memórias e relatos obtidos pelo WhatsApp e uma entrevista presencial realizou-se com Eduardo Celano Possas, o viúvo de Ana Raquel, que na oportunidade entregou vários materiais e livros da professora à equipe deste trabalho, com o objetivo de que no futuro possam desenvolver um projeto para transformar essas fontes em um memorial no Laboratório de Ensino de Matemática da UNIFAP. O texto foi escrito com uso do método narrativo e memórias de familiares, ex-estudantes, e professores, que conviveram com a professora Ana Raquel na universidade, no Curso de Graduação em Matemática e em outros cursos.

A narrativa como método de pesquisa, segundo Santos, Fouraux e Oliveira (2020, p. 37) é interpretada da seguinte forma: “A narrativa é a forma pela qual as pessoas organizam suas vivências mentalmente para externalizá-las, seja pela fala verbal, gestual ou outra. [...]. Outra característica da narrativa é a possibilidade de considerar outros aspectos do ambiente que influenciam no estudo”. Esse entendimento toma como referência a concepção de narrativa da psicologia cultural de Jerone Bruner, que defende a articulação da narrativa como um princípio para organizar sua experiência no mundo social, o seu conhecimento sobre ele, além das trocas que se mantêm entre o narrador e o mundo social (BRUNER, 1997).

3. RESULTADO DA PESQUISA NARRATIVA

Nessa seção, apresentamos o foco do texto com base em narrativa construída pela leitura do material selecionado, mas também a partir de memórias de familiares, docentes e ex-estudantes do Curso de Matemática da UNIFAP.

Iniciaremos, transcrevendo na íntegra um manuscrito de Possas (2003b), que faz parte do seu arquivo pessoal, no qual Ana Raquel escreveu a sua trajetória profissional e que em 12 de junho de 2020, foi gentilmente cedido à equipe deste trabalho pelo seu filho, Jonatas Oliveira da Costa, sendo recebido pela primeira autora.



3.1. De Professora a Educadora Matemática: uma história em construção⁵

Sujeito da história de um país com grandes desigualdades sociais, onde a oportunidade de desenvolvimento social e cultural era e é um privilégio da minoria, muito cedo fui impulsionada a trabalhar para continuar meus estudos exatamente como se vê obrigada, a maioria da população brasileira.

Sendo assim, aos dezesseis anos, concluí o curso de Regente de Ensino, correspondente ao ginásio, na então conhecida Escola Normal, na cidade de Macapá. Com esse diploma estava capacitada para lecionar todas as séries do primário. Submeti-me ao concurso para professora do Curso Supletivo e, com muita alegria, vi-me selecionada. Foi assim que, aos dezessete anos, iniciei a carreira de professora. Carreira essa iniciada não por dom, nem por opção, mas por necessidade financeira.

Na Escola Municipal Hildemar Maia, lecionei, no Curso Supletivo, durante um ano. No ano seguinte, fui designada para trabalhar no ensino regular com turmas de terceira série primária. Por ser o magistério uma carreira bastante valorizada, na época, no Território Federal do Amapá, meus pais sentiam orgulho da filha professora e eu mais orgulho ainda por poder contribuir com aqueles que tinham por objetivo atingir novos horizontes através da educação.

Durante cinco anos me dediquei com responsabilidade e afinco a essa atividade, foi quando surgiu, em Macapá, pela primeira vez, a oportunidade de fazer um curso ao nível superior, o Curso de Licenciatura Polivalente de 1º Grau, na área de Ciências Naturais. Fiz seleção para o curso, visando lecionar Ciências ou Matemática de 5ª a 8ª séries. No mesmo ano em que comecei a estudar, fui chamada para lecionar Ciências para a 6ª e 7ª séries. Tudo era novidade, não tinha experiência, mas, por ter compromisso, precisava estudar muito para ministrar as aulas. Aos poucos fui vencendo as dificuldades e passei a gostar do que fazia; ensinava com prazer e entusiasmo. Cada dia, após as aulas, sentia-me vitoriosa.

Estava como professora de Ciências por dois anos, quando a diretora da escola me chamou para avisar-me que havia sido designada para lecionar Matemática. Fui tomada de surpresa e fiquei furiosa; tentei argumentar que não me identificava com a referida disciplina, que dominava bem os conteúdos de ciências e gostaria de continuar lecionando a disciplina. Recebi como resposta que a escola estava com carência de professor de Matemática e como o curso que eu estava fazendo me licenciaria também para ministrar aulas dessa disciplina, ela confiava na minha capacidade, isto é, confiava no meu bom desempenho.

Fiquei aflita por vários dias. Chorava muito e, por vezes, cheguei a pensar em pedir demissão do emprego, mas precisava dele para ajudar minha família, além de garantir o meu próprio sustento. Sentia-me preocupada e insegura e, assim, perguntava-me: “Como vou ensinar algo a alguém sem que eu o domine?” Apesar de não estar com motivação alguma e consciente das minhas limitações, resolvi enfrentá-las, então me apresentei para assumir as turmas.

Tendo de ser eu, professora de Matemática (confirmando, então, o mito da inteligência exacerbada que permeava o profissional da área, o que lhe dava destaque frente aos outros), via-me obrigada a dar um enfoque fundamental ao conhecimento matemático. À medida que

⁵ Também esse texto foi publicado por Possas (2003) como capítulo de livro. In: REIGOTA, M.; POSSAS, A. R. O.; RIBEIRO, A. C. (Org.). *Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental*. 1.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 19-30.



me aprofundava no estudo dos conteúdos, começavam a aparecer as dificuldades. Sentia a necessidade de demonstrar segurança, mas essa segurança ficava abalada quando percebia que deveria agir em uma situação específica de sala de aula, onde outros aspectos poderiam surgir como relevantes que não só o do conhecimento matemático. O contexto em que me encontrava era confuso, o que me fazia ficar sem norte. Uma coisa eu tinha certeza: alunos, escola e sociedade esperavam que eu fizesse “algo” (mas que “algo” se nem eu mesma sabia?) e essa indefinição me deixava angustiada. Estava insatisfeita comigo mesma e, conseqüentemente, com a minha profissão.

Na busca por superar essa situação de insatisfação, de desassossego, voltei-me para mim mesma e procurei estudar com afinco os conteúdos do programa de ensino. Nesse momento, percebi que a questão do conhecimento específico falava primeiro e mais alto; selecionava os livros de matemática e vivia às voltas com eles.

O significado do “ser professora de Matemática” começou a surgir; vieram as preocupações com os alunos; tentava auxiliá-los a conhecer algo que eu, professora, já conhecia e julgava importante que meus alunos viessem a conhecer também.

Sabia que tinha, algum domínio sobre a área de conhecimento, objeto do meu ensino. Não a dominava completamente, o que é cientificamente impossível, todavia estava mais à vontade. Assim, continuei por dois anos. Tempo necessário para concluir o Curso de Licenciatura Polivalente de 1º Grau e prestar concurso vestibular para a Universidade Federal do Pará, na cidade de Belém, pois em Macapá, nesta época, não havia Universidade. Optei pelo curso de Engenharia Civil, mas não fui classificada. No ano seguinte, prestei vestibular para Licenciatura Plena em Matemática. Sendo classificada, tive que pedir demissão do emprego e mudar de cidade para cursar a faculdade, vivendo, inicialmente, de recursos provenientes da indenização trabalhista e, posteriormente, ministrando aulas de matemática em escolas das redes estadual e particular de ensino.

Nessa fase de estudante universitária, adquirir uma visão da Matemática que, hoje, considero distorcida. Visão essa que concebia o conhecimento matemático com características gerais de objetividade, de precisão, de rigor, de neutralidade do ponto de vista ideológico, que o universalizavam. A matemática, assim, seria passível de utilização, no nível adequado e com a compatibilidade dos conteúdos programáticos, em qualquer país, adequando-se a qualquer realidade.

Com tal concepção estereotipada do conhecimento matemático, não poderia perceber que:

A questão da universalidade das Ciências Exatas há muito deixou de ser algo que se pode confundir com a neutralidade. Sem dúvida o Princípio de Arquimedes pode ser estudado com o mesmo enunciado e comprovado experimentalmente em Viena ou em Louvain. Entretanto não se pretende, a não ser ingenuamente, que navios sejam construídos segundo tal princípio, apenas para que a Ciência se desenvolva em função de duas necessidades intrínsecas (MACHADO, 1989, p. 10).

Concluindo a licenciatura, retornei para Macapá. Minha prática pedagógica refletia aquela visão que eu tinha da Matemática. Um desafio, porém, começou a permear minhas aulas: “Como pôr em prática hoje o que vai servir para o amanhã?” Isso me inquietou por muito tempo. Essa inquietação foi que me levou a fazer um curso de Especialização em Ensino de



Ciências e Matemática, na UFPA, em Belém. Deixei meu marido e os dois filhos, um com oito anos e outro com seis anos, e fui estudar.

O curso me possibilitou refletir sobre meu passado vivido com o ensino da Matemática, que era uma visão tradicional de ensino, e iniciar, na elaboração de pesquisas, a construção de um campo reflexivo acerca de uma Educação Matemática necessária, crítica e libertadora, focalizando o ato educativo num contexto amplo, abrangendo tanto as questões cognitivas quanto as questões de relevância social do ensino como ato político. Pois, não podemos conceber a Educação, e a Educação Matemática não nos exclui disso, como algo “a-político”. Afinal, um livro de D’Ambrosio (1998) nos chama a atenção para esse aspecto da vida docente e destaca a sua reflexão:

Se algum professor julga que sua ação é politicamente neutra, não entendeu nada de sua profissão. Tudo o que fazemos, o nosso comportamento, as nossas opiniões e atitudes são registrados e gravados pelos alunos, e entrarão naquele caldeirão que fará a sopa de sua consciência. Maior ou menor tempero político é nossa responsabilidade. Daí se falar tanto em educação para a cidadania (D’AMBROSIO, 1998, p. 85).

O Curso de Especialização que concluí na UFPA me ajudou a perceber, enfim, que ensinava Matemática sem considerar o que o aluno pretendia aprender. Não havia aproximação, nem o conhecimento de como eram meus alunos, como viam ou como estavam entendendo o conhecimento matemático que eu lhes ensinava, nem tampouco me interessava pelas suas necessidades. Tanto eu quanto os alunos, agíamos sem uma clara percepção do significado do que estávamos fazendo. Durante muitos anos estive alheia à preocupação com a criatividade deles.

Minha postura educacional precisava ser revista, pois havia a necessidade de mudança. A matemática deveria ser resgatada do cotidiano dos alunos; sua presença na natureza e no seu dia a dia, totalmente ligada à realidade e à vida social, era inegável. Nesse sentido, a proposta seria situada em uma Educação Matemática crítica e libertadora, vendo o aluno como um ser que é livre quando criativo. Acredito que a criatividade é necessariamente libertária do ponto de vista da produção do conhecimento.

Entendi, também, que as rápidas mudanças sociais e o aprimoramento crescente e mais rápido da tecnologia impediam que eu fizesse uma previsão exata de quais habilidades, conceitos e algoritmos matemáticos seriam úteis no presente para preparar o aluno para a sua vida futura. A maneira como vinha ensinando a matemática, através de depósitos de conceitos e algoritmos, não era suficiente. Mais tarde, com certeza, esses conhecimentos se tornariam obsoletos, justamente quando o aluno estivesse no auge da sua vida produtiva.

Eu estava tolindo a liberdade desses alunos. Sem perceber, exercia uma educação bancária⁶, que concebe os homens para ser adaptado e ajustado, modelo de educação que foi criticado por Freire em seu livro, como se percebe em sua reflexão: “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo como transformadores dele. Como sujeitos (FREIRE, 1975, p. 68).

Fazendo uma reflexão sobre o ensino da Matemática, cheguei à conclusão que ela,

⁶ A Educação bancária, a que me refiro aqui, corresponde ao que analisa Freire (1988), isto é, a educação que se torna um ato de depositar, onde os educandos são os depositários e o educador o depositante.



através da forma como vem sendo vista, contribui para uma educação impositiva: seja pela sua precisão, memorização de sequência, fórmulas acabadas, problemas-tipo, etc; seja, ainda, pela repetição que leva à automatização, à mecanização, ao adestramento, pelo excesso de formalização e simbolismo, inibindo iniciativas, fazendo surgir apatia e conformismo, ocasionando a ignorância matemática. Ignorância que, muitas vezes, provém do “esquecimento” que nada tem a ver com os conteúdos, mas sim com a prática pedagógica ou a falta de oportunidade para que o aluno possa criar ou vivenciar. O aluno usa apenas a memória, não desenvolve as habilidades de extrapolar, raciocinar, criar. Não tem o prazer da descoberta; ficam faltando elementos para o seu desenvolvimento. Desta forma, um caminho que me parecia razoável era o de desenvolver no aluno a iniciativa, o espírito crítico, explorador e da criatividade.

Com a criação da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, em 1991, recebi o convite para coordenar o Curso de Licenciatura Plena em Matemática. Aceitando-o, tive oportunidade de participar de congressos, simpósios e encontros de Educação Matemática em vários Estados. Nessas idas e vindas, tive a satisfação de visitar a Escolinha “A Chave do Tamanho”, no Rio de Janeiro, e conhecer o seu coordenador, o professor Lauro de Oliveira Lima.

Aqui abro um parêntese para falar sobre essa visita e a influência que causou na minha vida de professora. O Centro Experimental e Educacional Jean Piaget foi idealizado e fundado por Maria Elizabete Santos de Oliveira Lima e sua família, que há muitos anos estudavam a obra de Piaget (LIMA; LIMA; 1977), e tinham elementos para transformar suas teorias em pedagogia. Esse centro proporcionou a infraestrutura à experiência pedagógica e elaboração das atividades pedagógicas que correspondiam às concepções do epistemólogo suíço. Para realizarem essa experiência, escreveram a Jean Piaget dizendo a ele do propósito e pedindo licença para fazerem a experiência em seu nome. Com a autorização, nasceu a Escolinha “A Chave do Tamanho”. Nela, o professor não ensina, mas ajuda o aluno a aprender, pois, o método do Jean Piaget deixa o aluno aprender sozinho. Assim sendo, a criança que estuda na “Chave do Tamanho”⁷ e que tem o mundo nas mãos.

Como a experiência pedagógica pretendia acionar o **mecanismo** (a chave) do **desenvolvimento mental** (do tamanho), o nome da escolinha expressa, por si só, a filosofia pedagógica que norteia os educadores que nela trabalham. Tudo se passa como se Jean Piaget tivesse fornecido aos mestres a “chave do tamanho”, isto é, o modelo segundo o qual as crianças desenvolvem, integralmente, suas possibilidades operativas (motoras, verbais e mentais). Nessa visita, conversei bastante com o professor Lauro de Oliveira Lima e dele recebi incentivo para continuar meu trabalho. Ganhei, ainda, dois livros, um de sua autoria e outro, escrito em co-autoria de Ana Elizabeth de Oliveira Lima, intitulados *Introdução à Pedagogia e Uma Escola Piagetiana* (LIMA, 1983; LIMA; LIMA, 1981).

Ao retornar a Macapá, trabalhei com meus alunos da licenciatura essas duas obras. Elas são interessantes, defendem o construtivismo sequencial, nos levam tanto à reflexão da nossa prática pedagógica quanto à valorização de atitudes e iniciativas que revelam a curiosidade intelectual e a criatividade, além de sugerir um caminho a seguir.

Agora, com uma nova visão do ensino da Matemática, sentia que deveria compartilhar com outros professores essas inquietações para que eles também sentissem a necessidade de mudar sua metodologia de ensino. Então, reuni um grupo de professores e alunos, socializei

⁷ A “Chave do Tamanho” é uma expressão, citada em um livro de Lobato (2003), um dos maiores autores de histórias infantis do Brasil.



minhas ideias, apresentei os informes sobre a recém-fundada Sociedade Brasileira de Educação Matemática – SBEM e, depois de várias discussões, decidimos fundar uma regional no Amapá, SBEM/AP, a qual presidi por vários anos. Como parte das atividades da SBEM/AP, a cada dois anos promovíamos encontros estaduais de Educação Matemática, trazendo vários professores pesquisadores de universidades como UNB (Prof^a Nilza Bertoni), UNICAMP (Prof^a Regina Célia Grandó), UNESP de Rio Claro (Prof. Antonio Carlos Carrera de Souza), USP (Prof. Oriosvaldo de Moura), FEUSP (Prof^a Anna Regina Lanner de Moura) e UFPA (Prof. Tadeu Oliver Gonçalves e Prof. José Gatass Filho) para proferirem palestras e ministrarem minicursos. Esses encontros, que obtinham grande apoio dos professores de 1º e 2º graus, iam além das nossas expectativas.

Nessa mesma época, os professores da UNIFAP estavam elaborando a grade curricular do Curso de Licenciatura em Matemática. No auge da motivação, organizei um seminário, promovido pela SBEM/AP; trouxe dois professores, Renato Guerra e Tadeu Oliver Gonçalves, da Universidade Federal do Pará para assessorar nosso trabalho. Iniciamos, a partir daí, a discussão de uma proposta de grade curricular que contemplava, além das disciplinas específicas do curso, um bloco de três disciplinas de didática da matemática: Álgebra para o Ensino de 1º e 2º Graus, Geometria para o Ensino de 1º e 2º Graus e Instrumentação para o Ensino da Matemática. Esta proposta foi encaminhada à Reitoria da UNIFAP, que no momento estava passando por um momento político tumultuado com a indicação de uma nova reitora pelo MEC. Com a mudança, fui convidada a ocupar o cargo de Pró-Reitora de Ensino, o que facilitou o trâmite da proposta. No seminário organizado pela Universidade para discussão das grades curriculares de todos os cursos, defendi arduamente e com muita propriedade a que a SBEM/AP havia encaminhado, finalmente conseguimos sua aprovação.

Agora eu sentia, que era necessária a concretização de tudo que havia idealizado para o curso. O currículo do nosso professor de matemática por não ser cartesiano, tradicional, visto como estratégia de ação educativa, possibilita a troca de informações, conhecimentos e habilidades, oportunizando aos alunos atingir seu potencial criativo.

Tudo caminhava para que eu desse (vazão) à minha vontade de levar em frente a proposta de oportunizar aos licenciandos do Curso de Matemática uma visão crítica da matemática e propiciar a vivência de um processo de criação e confecção de material concreto a serem utilizados em sala de aula durante o Estágio Supervisionado e, posteriormente, na prática pedagógica. Minha intenção era a de dar aos licenciandos um ponto de partida para a mudança de atitude no processo ensino-aprendizagem, pois eu acreditava que o ensino da Matemática contribuía para o desenvolvimento mental e a criatividade do aluno, dando ênfase à seguinte afirmação:

Desenvolver-se não é, apenas, crescer, ficar maior ou mais forte: é aumentar a capacidade de intervir no meio com estratégias mais amplas, variadas e complexas. É como aprender a jogar xadrez: não se aprende xadrez “decorando” as jogadas, mas inventando e descobrindo táticas e estratégias novas. Desenvolver-se é aprender a DESCOBRIR (Física) e a INVENTAR (Matemática). Desenvolver-se é aprender a “operar”, a intervir, a resolver problemas. É como aprender a jogar futebol. Em síntese, desenvolver-se é aprender a JOGAR (e não se aprende a jogar, decorando) (LIMA,1981, p. 17).

Nessa proposta, o aluno é colocado como centro do processo educacional, como uma



pessoa ativa no processo de construção do seu conhecimento. Esse aluno está constantemente interpretando seu mundo e suas experiências, e essas interpretações ocorrem inclusive quando se trata de um fenômeno matemático. Os licenciandos poderiam perceber que o aluno deixa de ter uma posição passiva diante da sua aprendizagem em Matemática, deixando de acreditar que essa aprendizagem pode ocorrer como consequência da absorção de conceitos passados para eles por simples processo de transmissão de informação.

Para concretizar parte da minha proposta, elaborei, com um grupo de professores, o Projeto de Criação do Laboratório de Matemática, que obteve financiamento do CNPq. Esse projeto contemplava cursos de extensão para o ensino da matemática para professores das redes estadual e municipal de ensino com dois objetivos primordiais: oportunizar o conhecimento de outras Metodologias do Ensino da Matemática, utilizando materiais concretos e resgatando o cotidiano do aluno; e proporcionar uma interação da Universidade com o ensino de 1º e 2º graus.

Iniciei um trabalho árduo, mas certa de que conseguiria atingir meus objetivos. Consegui que a UNIFAP selecionasse seis alunos para serem monitores do Laboratório de Ensino de Matemática. Confeccionamos muito material concreto para o ensino de conteúdos matemáticos, selecionamos textos que levassem a clientela dos cursos a uma consciência crítica do ensino da Matemática, fizemos cronograma de minicursos, divulgamos nas secretarias estadual e municipal de ensino, e abrimos as inscrições. Muitos professores se inscreveram, formamos várias turmas e passamos a cumprir o cronograma de execução. Todos os participantes se interessaram pela nova metodologia de ensino e passaram a utilizá-la em suas classes, obtendo ótimo resultado, segundo alguns relatos. Infelizmente, a situação financeira da UNIFAP não permitiu que continuássemos com os monitores e a pesquisa ficou inacabada por falta de coleta de dados junto aos professores das escolas, que participaram dos minicursos.

Nesse ínterim, publicaram o edital do concurso para professores da universidade. Dentre as demais vagas para todos os cursos, foi ofertada uma vaga para Instrumentação para o Ensino da Matemática. O professor concursado lecionaria três disciplinas: Álgebra para o Ensino de 1º e 2º Graus, Geometria para o Ensino de 1º e 2º Graus e Instrumentação para o Ensino da Matemática, que são englobadas pela matéria anteriormente citada. Prestei o concurso e fui aprovada para ocupar a referida vaga. Leciono às três disciplinas e continuo desenvolvendo atividades no Laboratório, organizando, com meus alunos, feiras matemáticas e as levando às escolas, para que professores e alunos conheçam e se interessem por essa prática pedagógica.

Com o passar dos anos e a prática docente na Universidade, senti que deveria prosseguir meus estudos além do nível *lato sensu*. Como os dois filhos que tenho estão estudando na cidade de Ribeirão Preto, cursando o nível superior, e por isso dependiam financeiramente dos pais, eu não poderia sair daqui para cursar o mestrado. Fiquei na expectativa de ser oferecido algum curso aqui na UNIFAP, que me interessasse.

Nesse sentido, o Curso de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, oferecido pela UNIFAP em convênio com a Universidade de Brasília e o Governo do Estado do Amapá, associando a questão de desenvolvimento e do meio ambiente em um contexto multidisciplinar, poderia responder aos meus novos anseios e questionamentos.

O sofrimento de grande parte da população amazônica provocado pelo modelo de desenvolvimento econômico que dominou e explorou nossa região por séculos teria sido o motivo que levou o Governo do Estado a buscar alternativas de desenvolvimento que viessem



reconhecer que as populações locais têm direito de usufruir a grande diversidade de recursos naturais disponíveis em seu território, e que podem explorá-lo de forma racional e sustentável. O Programa de Governo visava romper com os modelos tradicionais de desenvolvimento, exercendo um papel inovador, através de projetos em parcerias com instituições governamentais e não governamentais, valorizando cada vez mais o conjunto da sociedade e, especialmente, o saber das populações tradicionais, hoje socialmente excluídas.

Sendo essa forma de pensar um processo em construção aqui no Amapá, achei interessante elaborar um projeto que contemplasse uma metodologia que permitisse o uso dos recursos da natureza, agregando-os aos conhecimentos matemáticos para desenvolver a consciência no uso correto dos recursos naturais e preservação ambiental. Foi então que me submeti ao Processo de Seleção e obtive aprovação.

Iniciei o curso encontrando muitas dificuldades. Nas disciplinas ofertadas, inicialmente, eram tratados assuntos relativos à ecologia, políticas públicas e gestão ambiental que fugia ao meu domínio. Tudo carecia de uma leitura prévia que eu não possuía. Após tantos anos, vi-me, mais uma vez, diante desse desafio: entrar em contato com o novo e precisar superá-lo.

Todavia, apesar das dificuldades iniciais, fui ganhando motivação. Mesmo sendo da área de Exatas, percebi ser possível caminhar e superar os entraves que muitas vezes me deixavam indecisa.

Ao cursar a disciplina Educação Ambiental, ministrada pelo professor Marcos Reigota⁸, tive o prazer de ler dois de seus livros (REIGOTA, 1999; 2001), e conhecer pessoas com histórias de vida fantásticas, como a do professor Nilson Carlos Moulin, professora Maria José Rigamont e Paulo Roberto Espósito de Oliveira (o Magnólio). Isso me levou, cada vez mais, à reflexão sobre minha vida. Outro ponto de destaque foi a visita à Escola Família Agrícola do Carvão, no município de Mazagão. Fiquei frente a frente com uma realidade educacional, até então desconhecida, mas que é válida para formar cidadãos conscientes, preparando-os para a vida e possibilitando ao jovem manter relação com o trabalho agrícola, do qual tiram o sustento da família.

Na minha concepção, aproximei a metodologia usada na escola agrícola a uma linha de pesquisa que me tem despertado curiosidade e que tenho procurado investigar e refletir, é a Etnomatemática, pois ela visa a contextualização dos “saberes” dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Segundo essa área, os educandos são orientados pelos educadores a fazerem uma recuperação crítica da sua produção teórica a partir daquela apropriada no seu cotidiano. Lendo sobre essa linha de pesquisa, fiquei sabendo que o termo Etnomatemática foi criada pelo professor Ubiratan D’Ambrosio⁹, em 1975, e que a partir daí outros pesquisadores, em todo o mundo, têm utilizado, em suas investigações e nas relações entre o saber matemático de um grupo com o seu meio sócio-cultural.

Isso me interessa muito, pois tenho trabalhado com meus alunos da Licenciatura em Matemática de forma semelhante. Em uma turma pedi que fizessem um trabalho, em grupo.

⁸ Marcos Reigota é doutor em Pedagogia da Biologia pela Universidade de Louvain, é professor do Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba e fez pós-doutorado na Universidade de Genebra sobre educação ambiental na América Latina.

⁹ Ubiratan D’Ambrosio, um reconhecido matemático do mundo do século XX e XXI. Ele atuou em programas de pós-graduação e doutorado nos Estados Unidos, na África e no Brasil. Também trabalhou na UNESP de Rio Claro, UNICAMP e outras universidades. Além de participar frequentemente de congressos e conferências pelo Brasil e pelo mundo. Ele foi o criador da terminologia etnomatemática, o que apresentou como sendo um programa de pesquisa.



Nesse trabalho, solicitei para eles pesquisar a matemática dos garotos que vendem balas nas portas das escolas, dos pedreiros trabalhando em construções, das pessoas de bancas de “jogo do bicho”, etc. Os resultados foram surpreendentes. Pudemos perceber que, embora não tivessem o conhecimento matemático adquirido nas escolas, eles possuíam a capacidade de calcular mentalmente os valores com os quais trabalhavam. Essas pessoas, alvos da pesquisa, fizeram uma leitura da realidade cultural em que estavam inseridas. Para mim, isto é Etnomatemática: é a matemática presente na vida e no cotidiano das pessoas. Sou adepta da proposta de Ubiratan D’Ambrosio, da qual a matemática precisa ser aproximada da realidade do educando, considerando, principalmente, a sua cultura.

Ao longo do mestrado venho confirmando que, mesmo sendo procedente de um curso de Ciências Exatas, meu envolvimento com a educação ambiental é pertinente. Entendo que estou prosseguindo acertadamente, pois, como afirma Reigota (1998, p. 26) “A tradicional separação entre as disciplinas humanas, exatas e naturais, perde sentido, já que o que se busca é o conhecimento integrado de todas elas para a solução dos problemas ambientais” (POSSAS, 2003).

3.2. Homenagem póstuma de egressos da turma de 1992 do Curso de Matemática à professora Ana Raquel

Em 29 de abril de 2020, dia em que os ex-estudantes da Turma de 1992 do Curso de Matemática da UNIFAP souberam pelo Grupo do WhatsApp do falecimento da professora Ana Raquel (Figura 1), imediatamente, desejaram prestar-lhe uma homenagem póstuma.

Figura 1: Fotografia de arquivo pessoal
Figure 1: Personal archive photography



Fonte: BLOG EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2020.

Assim, um texto-homenagem foi elaborado a partir de conversas com membros do grupo do WhatsApp, não todos, pois alguns estavam tão abalados emocionalmente, que optaram em deixar que o texto fosse escrito por quem se sentisse mais à vontade para produzi-lo, com o fim de postagem no Website da UNIFAP.

A seguir, transcrevemos o texto-homenagem que foi redigido pela primeira autora deste artigo, que é ex-estudante e amiga de Ana Raquel, mas que foi assinado pelo pseudônimo de Egressos da Turma de 1992 de Matemática (2020), e que foi encaminhado à Coordenação do Curso de Graduação em Matemática da UNIFAP, com cópia à reitoria da universidade.



Homenagem póstuma à professora Ana Raquel Oliveira da Costa Possas

Em 1992, segundo vestibular da UNIFAP, lá estávamos nós, egressos do Ensino Médio, a maioria jovens, com até menos de 18 anos, oriundos da Escola Pública que apenas gostavam de Matemática, éramos imaturos para ingressar na Comunidade Unifapiana, assim como a maioria dos jovens do ensino superior, com uma diferença importante: tínhamos a professora Ana Raquel para nos guiar. Sim, para nos guiar porque por causa do seu amor à profissão e à ciência, foi para todos, muito mais que professora. Foi um pouco mãe e amiga, porque se interessava por nossas vidas, nos orientava na vida acadêmica, proporcionava oportunidades de crescimento e ensinava Matemática, com leveza e amor.

Foi a primeira coordenadora do Curso de Matemática da UNIFAP, sucedida pelo professor Japoca, porque preferiu se dedicar aos projetos de Ensino da Matemática, que fizeram total diferença na nossa formação em Educação Matemática e Matemática. Seu trato conosco era tão espontâneo e transparente que conhecíamos até alguns dos seus familiares, como o esposo “Edu” (que era voluntário nos eventos da Matemática, coordenados por ela), seus filhos (dois meninos dos quais, ela se orgulhava e cuidava com perfeição), e alguns dos seus irmãos, incluindo os da Igreja Batista Memorial, que ela frequentava.

A professora Ana Raquel também foi a autora do projeto de criação do Laboratório de Matemática da UNIFAP, que possibilitou obter recursos financeiros para aquisição de materiais didáticos para formação em Educação Matemática, trabalhar com formação continuada de professores de matemática, monitoria remunerada para estudantes do Curso, viagens para participação em eventos científicos, o que não seria possível sem seu projeto, dado a escassez de recursos financeiros próprios da maioria dos acadêmicos de Matemática. Foi com ela também, que a Sociedade Brasileira de Educação Matemática existiu por alguns anos no Estado do Amapá.

Além da sua ética e atuação profissional, que nos influenciou e foi determinante para vida que seguimos, uma característica marcante era a alegria ... Nunca a vimos triste! Sempre feliz e disposta a fazer acontecer, a ajudar, a ensinar coisas novas ... Seus ensinamentos, principalmente aqueles obtidos nas aulas no Laboratório de Ensino de Matemática, são pilares até hoje para aqueles que ingressaram na carreira de professores na Educação Básica ou Superior no Amapá ou outros Estados.

Ao concluir o curso de graduação, nos reunimos para decidir sobre quem seriam os professores homenageados. Não houve dúvida... Além de ser escolhida como nossa Parainfã, também demos a nossa turma de Matemática de 1992, o seu nome: TURMA PROF^a ANA RAQUEL OLIVEIRA DA COSTA POSSAS, eternizado na placa de metal exposta no Campus Marco Zero do Equador.

Hoje, sentimos o silêncio da tristeza, da saudade, da surpresa pelo seu falecimento. Um pouco de indignação pelas circunstâncias e pela impossibilidade de despedida que é imposta... Mas o Céu está em festa pela pessoa extraordinária que lá chegou hoje! Quem a conheceu consegue imaginar o sorriso com o qual ela encontrou com Deus.

Dedicamos esse texto aos seus familiares, em especial ao esposo Eduardo e seus filhos queridos. Pedimos muito a Deus para que a professora pudesse voltar para casa, mas essa não foi sua vontade. Como cantaram, os poetas “[...] os bons morrem jovens”, e para nós, a professora Ana Raquel foi a melhor docente do Curso de Matemática da UNIFAP (EGRESSOS, 2020).

“Vai com os anjos, vai em paz
Era assim todo dia de tarde
A descoberta da amizade



Até a próxima vez ...”
(RUSSO; VILLA-LOBO
apud EGRESSOS, 2020).

Os protocolos sanitários e locais de combate a doença COVID-19 impediam as famílias e os amigos de participar de cerimônias fúnebres e do sepultamento dos corpos nos cemitérios. Por isso os sepultamentos estavam ocorrendo sem a presença dos parentes, o que também aconteceu no sepultamento da professora Ana Raquel. Por este motivo, os ex-estudantes da Turma de 1992 de Matemática da UNIFAP, escolheram um trecho da música “Love in the Afternoon” de Russo e Villa-Lobos (2020) para se despedir pelo WhatsApp da sua ex-professora, e manifestar solidariedade à família enlutada pela internet.

3.3. Memórias da trajetória docente de Ana Raquel na universidade

Em 2020, a equipe de docentes do Curso de Graduação de Matemática da UNIFAP é formado por catorze professores e quatro professoras, conforme divulgado no seu website (UNIFAP, 2020c), totalizando dezoito docentes. Deste quantitativo, alguns foram estudantes da professora Ana Raquel no ensino superior. Nesta parte do texto, recorreremos a estes e a outros servidores da universidade para registrar suas memórias sobre a trajetória docente de Ana Raquel.

O professor Manoel Domingos da Silva Melo, mais conhecido no meio acadêmico como o professor Japoca, expressou o seu luto ao saber da morte da grande amiga de trabalho:

A UNIFAP, o Estado do Amapá e a educação brasileira estão de luto! Perdemos mais uma heroína: a ilustre professora Ana Raquel! Grande amiga, excelente educadora e referência no Amapá e no Brasil em Educação Matemática! Tive a honra de trabalhar com ela no CCA, na elaboração do projeto de estruturação dos Cursos da UNIFAP, logo após o seu decreto de implantação, no Curso de Matemática e em outros setores, nos quais ela sempre foi uma profissional competente, responsável e comprometida! Ela exerceu vários cargos na Instituição, dentre os quais, o de Pró-Reitora de Ensino durante a gestão da Prof^a Laíses Braga. Vá em paz, querida amiga! Que Deus conforte a todos os familiares e amigos, além de conceder força, coragem e resignação para superarmos esses momentos tão difíceis!

Pela própria natureza de Ana Raquel, sempre alegre, educada, prestativa e competente no ambiente de trabalho, ela fez grandes amizades. E justamente por isso, o professor Adalberto Carvalho Ribeiro, do Curso de Graduação em Pedagogia, falou da forma carinhosa que Ana Raquel tratava seus pares, o que destacamos:

Conheci Raquel quando fui fazer parte de sua equipe no antigo DAVES - Departamento de Vestibular da UNIFAP. Tenho tantas lembranças e histórias boas com Ana Raquel. Fomos também colegas na mesma turma de mestrado e fizemos atividades na UnB durante um período de aulas. Ela, de tão carinhosa com os seus, me chamava de “Dadá”. Profissionalmente era incrível. Responsável, líder e doce. Seu humor era brilhante e ela irradiava luz quando chegava em qualquer lugar. Há um episódio muito engraçado: A UNIFAP fazia inscrições para o Vestibular de modo presencial para os alunos de nível médio. No primeiro dia, a quadra da Universidade estava lotada de jovens para a inscrição.



Houve um início de tumulto e Raquel mandou suspender os trabalhos e centralizou os papéis de inscrição no centro da quadra. Nesse momento, muitos garotos e garotas estavam na quadra esperando atendimento. Mas ela pedia tranquilidade e que todos se organizassem em fila. Dois garotos “abusados” percebendo que ela era a chefe, um deles falou: “Tia, libera minha inscrição. Nem tomei café”. Raquel olhou séria. O outro garoto falou: “Não chama ela de tia, que ela fica brava”. Raquel que estava séria, não aguentou, espocou na risada. Morro de saudades da Raquel. Última vez que falei com ela, foi em um encontro rápido, no supermercado. Sua alegria, risadas e sorrisos de sempre. Foi lindo ter conhecido Ana Raquel!

Além do professor Adalberto, a professora Maria Eduiza Miranda Naiff Rodrigues também foi muito mais que colega de trabalho, e essa constatação pode ser vislumbrada nas suas palavras emocionadas:

Falar sobre a Ana Raquel para mim, não é tarefa das mais simples, pois me sinto perdida em uma lista imensa de adjetivos que a descrevem, tornando difícil a missão de selecioná-los. Falar de Ana Raquel é lembrar de sua bondade para com o próximo, de sua gentileza, de sua fé inabalável, de seu companheirismo, de sua inteligência, de sua tolerância... além da sinceridade de seu sorriso franco. Lembrar de Ana Raquel é saber que tive muita sorte de tê-la tido como amiga, sabendo que a recíproca era verdadeira. Isso me traz à memória momentos inesquecíveis em que estivemos juntas: na Coordenação do Núcleo de Educação em Macapá; eu Coordenadora do Curso de Letras, ela, Coordenadora do Curso de Matemática; na Pró-Reitoria de Graduação da UNIFAP, no Departamento de Vestibular, além de muitos outros momentos que fazem parte do meu baú de recordações e que ficarão para sempre em minha memória como lembrança de uma amiga que hoje, apesar de não estar mais fisicamente entre nós, continua presente em nossos corações.

Ao perguntarmos ao professor Rômulo Lima da Gama sobre o que ele lembrava da trajetória docente da Ana Raquel no Curso de Graduação em Matemática, obtivemos o seguinte relato:

Eu fui aluno da professora Ana Raquel na UNIFAP. Lembro de todas as disciplinas pedagógicas que foram ministradas por ela na Turma 2007 de Matemática. Recordo bastante da disciplina Prática de Ensino, na qual ensinou diversas atividades didáticas e jogos, como Geoplano, Dominó Algébrico e outros para utilizar em sala de aula. Mas, o que marcou a presença dela durante a minha graduação, foi seu engajamento e coordenação nos eventos do nosso curso. A “Jornada Matemática”, em 2007, foi o primeiro evento acadêmico que participei na vida e observando cada etapa organizada por ela, fez com que eu desejasse seguir na área acadêmica/educacional para proporcionar para outras pessoas as experiências que ela nos mostrou durante as disciplinas da formação em Educação Matemática.

Já a professora Eliane Leal Vasquez, com base em suas memórias destacou:

Eu fui estudante da professora Ana Raquel em dois momentos, tanto na Graduação em Matemática e na Especialização em Matemática, cursos ofertados pela UNIFAP e UFPI. Ela atuava no ensino em disciplinas das áreas da Matemática e Educação Matemática. Recordo dela nas aulas que aconteciam no Laboratório de Ensino de Matemática, quando ela coordenava e orientava os trabalhos práticos que eram realizados pelos estudantes, e que



também contava com o apoio de seus monitores, a Ageane Lígia Aranha Braga, o Gutemberg Rodrigues Carvalho e o José Maria Valadares. A Ana Raquel foi a professora com quem iniciei minha formação em Educação Matemática e leitura de trabalhos de autores, como: Ubiratan D'Ambrosio, Maria Aparecida Viggiani Bicudo, entre outros. Com ela, aprendi que para ensinar matemática é preciso saber matemática, respeitar e escutar o ser humano nos processos educativos. Também, ela trabalhou em outros cursos de graduação, como no Curso de Ciências Sociais, na disciplina de Estatística Aplicada no Campus Marco Zero do Equador. O seu sorriso contagiante e a amorosidade no seu modo de falar, foi o que mais me marcou quando ela foi minha professora. Além dos eventos científicos, que ela organizou, com os estudantes do Curso de Matemática, tais como Encontros de Educação Matemática do Amapá em 1992 e 1995, e que foram realizados pela SBEM-AP e UNIFAP. Eu participei como ouvinte desses dois eventos e foram importantes por possibilitar aos estudantes conhecer professores de outras universidades e até autores de livros, assistir comunicações de pesquisas e participar de minicursos, como eram chamados naquela época. A Ana Raquel é uma pioneira do movimento da Educação Matemática no Amapá e uma professora maravilhosa. Eu falo é porque ela permanece viva em minhas memórias, e enquanto eu estiver neste mundo terreno, lembrarei dela como minha professora do ensino superior.

Também, o professor Edcarlos Vasconcelos da Silva apoiou a equipe deste texto-homenagem e falou sobre o que mais lhe marcou em relação ao trabalho da professora Ana Raquel na universidade.

Eu sou formado em Licenciatura em Matemática pela UNIFAP e tive o prazer de estudar no período em que a professora Ana Raquel estava ativa no curso. Ela foi a professora mais marcante durante o período que eu estava cursando a graduação. Eu tive oportunidade de ter sido aluno dela, na Turma de 2000, do professor Guzmán Eulálio Isla Chamilco e do professor Arlindo Moreira da Silva Filho. Esses foram os professores com os quais mais me identifiquei quando eu estava estudando na UNIFAP. Ela ensinava as disciplinas da área da Educação Matemática, e em uma das disciplinas que me chamou muito atenção pela metodologia que ela trabalhou, foi quando a minha turma de Matemática teve que fazer uma atividade prática na Serra do Navio. Ela levou todos os alunos de Macapá para Serra do Navio e fomos estudar pesquisa em etnomatemática, que foi um trabalho maravilhoso. Nós tivemos contato direto com a questão e situação da Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI) e conhecemos a realidade sobre os resíduos do manganês que estavam lá, o problema do risco de contaminação da população local. E a professora Ana Raquel foi explicando o assunto aos estudantes e relacionando os conceitos do tema do estudo, com a pesquisa em etnomatemática, falando sobre o etno, a matema e a tica, na visão de Ubiratan D'Ambrosio. O que mais admirava nela e continua forte nas minhas memórias, sem dúvida, era sua maneira de enxergar a matemática no cotidiano e ao nosso redor e levar o estudante para esse debate ... Eu nunca irei me esquecer disso! As metodologias que ela usava, eram sempre com base na Matemática Prática.

Além da pergunta por meio do WhatsApp aos três ex-estudantes da professora Ana Raquel, Rômulo, Eliane e Edcarlos, também encaminhamos outra questão para três professores do Curso de Matemática da UNIFAP: O que você recorda sobre o trabalho desenvolvido pela professora Ana Raquel na gestão universitária, coordenação de projetos e como professora do magistério superior?



O primeiro que respondeu foi o professor Steve Wanderson Calheiros Araújo. Ele entregou o seu relato gravado em arquivo de áudio e relatou bastante emocionado o que lembrava, pois, ele falava de uma pessoa que foi mais que uma colega de trabalho, cuja a sua transcrição, citamos:

Quando em 2004, eu ingressei na UNIFAP, a Ana Raquel já era professora do Curso de Graduação em Matemática e ela também coordenou por muito tempo o Laboratório de Ensino de Matemática, conduzindo assim as pesquisas em educação matemática. E ela dava conta do serviço, ela tinha o talento e dom de liderar os estudantes, que tinham interesse em estudos nessa área. Ela foi coordenadora do projeto, que criou o Laboratório de Ensino de Matemática. Já no Curso de Matemática do Campus Norte Oiapoque, nessa época, quem coordenou foi o professor Japoca. Depois de 2005, lembro que Ana Raquel se deteve a ministrar as disciplinas, que geralmente eram ligadas às áreas da Educação Matemática e da Matemática. Eu trabalhei muito tempo com ela no DEPSEC, na elaboração de questões para o vestibular, no antigo modelo antes do ENEM e ela na coordenação das equipes. Também, recordo que ela trabalhou por muitos anos como coordenadora local da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, no Estado do Amapá - SBEM/AP. É um pequeno histórico do que recordo da trajetória profissional, dela, na universidade. Ela era minha amiga, juntos trabalhamos em bancas examinadoras de TCC, que foram orientados por ela. Nesse período aprendi muito com ela, excelente pessoa e profissional. Tenho muita gratidão a ela!

O professor Guzmán Eulálio Isla Chamilco fez questão de participar da coleta online de dados para contribuir com o registro da trajetória docente de Ana Raquel, o que observamos no seu relato:

Ingressei no quadro de professores de matemática da UNIFAP em junho de 1994. Na primeira reunião de colegiado conheci a Ana Raquel. Ela já era professora do curso, assim como o professor Arlindo Moreira, eles já trabalhavam na área da Educação Matemática. Ela foi eleita conselheira (membro do CONSU), no período 2002-2004. Depois atuou em um segundo mandato no período 2006-2008. Ana Raquel por sua formação se dedicava muito ao Laboratório de Ensino da Matemática. Com base na sua dedicação e vocação, ela idealizou um excelente laboratório, pois tinha um dom especial em organização. Devido a essa habilidade, em várias oportunidades ela foi indicada às comissões para organizar e executar os processos seletivos (antigos vestibulares). Também foi indicada para integrar outras comissões que visavam organizar e executar concursos públicos. Encontrei com Ana Raquel em muitas bancas examinadoras, especialmente em bancas de defesa de TCC. Ela gostava de organizar eventos e encontros direcionados aos futuros educadores matemáticos. Foi uma excelente profissional e tinha um coração tão nobre e muito prestativa com seus alunos e colegas. Saudações eternas, grande colega!

Por último, o professor Arlindo Moreira da Silva Filho destacou a sua experiência de trabalhar com a professora Ana Raquel, na formação inicial de professores de matemática, enfatizando aspectos de sua memória docente.

Professora Ana Raquel foi uma das maiores educadoras do Amapá, com longos anos dedicados à Educação Matemática no Território Federal e Estado, e UNIFAP, participando



ativamente de eventos pelo Brasil, contribuindo para a formação de professores. Cheguei à UNIFAP em 1992, através de contrato provisório, e lá já encontrei a Ana educando futuros educadores. Em 1994, fui aprovado no concurso daquela IES e até hoje permaneço. Ana Raquel foi durante muitos anos minha parceira em educação matemática no Curso de Matemática e também no Curso de Pedagogia. As disciplinas consideradas “puramente” pedagógicas eram, praticamente durante muitos anos, ministradas por nós dois, por sermos os professores da Licenciatura em Matemática. Eu me espelhava em suas práticas docentes e nas suas referências teóricas, pois ela era mais experiente. Sua presença me fazia sentir mais forte! Ela debatia os assuntos da Educação Matemática como deve ser: Falando de conteúdo significativo, contextualizado com a realidade do estudante, procurando sempre empregar o caráter de ludicidade e envolvendo jogos no ensino de matemática. Fazia o estudante pensar e “manusear” a matemática, transformando um “objeto concreto” em “concreto pensado”. Percebia-se em sua prática a presença de Freire, Piaget, Ausubel, D’Ambrosio, Vygotsky, e muitos outros teóricos da Psicologia, da Pedagogia e da Educação Matemática. Ana Raquel era política, na medida certa, não militava em partido, nem era panfletária. Com a problematização constante que aplicava em sua didática e metodologia, instigava a criticidade do estudante universitário, ao objetivar que este sempre se preocupasse com o porquê naquilo que fazia, contribuindo para a formação de um cidadão para viver em comunidade. Ela era entusiasta e praticante da Etnomatemática. A partir do excelente diálogo que tinha com os estudantes, ela buscava relacionar os conceitos matemáticos com o cotidiano deles e desenvolver uma aprendizagem significativa. Fazer muito diferente do que Ana Raquel fazia é correr o risco de dar ao estudante, a possibilidade de prejuízo, seja em sua relação com a sociedade amapaense, seja em suas atividades de construção do conhecimento, o que fica muito caro para o desenvolvimento da autonomia dele. Ana Raquel sabia que o raciocínio lógico possibilita ao educando o pensar de forma crítica acerca dos diversos componentes curriculares, assim como em torno das respostas necessárias às questões de seu cotidiano social, político e profissional. Não se esquecia de estimular a argumentação com base em critérios e princípios validados logicamente. Buscava a partir do lúdico e do manuseio de materiais didáticos despertar o prazer intelectual em seu educando, seja na educação básica ou superior. Minha amiga e educadora Ana Raquel, eu sinto a sua ausência entre nós!

Essas memórias remetem-nos a uma parte da trajetória profissional e da missão que cumpriu a professora Ana Raquel na formação inicial de professores de Matemática da UNIFAP, assim como na primeira Especialização em Matemática da UFPI, que foi ofertada no Campus Marco Zero, além da sua atuação na gestão universitária, coordenação de projetos e orientação de pesquisa.

Já com base em outras referências e no Blog Educação Matemática de Ana Raquel, constatamos a sua experiência em pesquisa em educação matemática, orientação de monografias, realização de consultoria (POSSAS, 2020), além de trabalhos publicados (POSSAS, 2003b; REIGOTA, POSSAS, RIBEIRO, 2003), o que revela a sua atuação na pesquisa e produção científica, em parceria com outros autores e professores.

3.4. Memórias e narrativas no tempo pandêmico e na pesquisa em educação matemática

Ana Raquel foi a segunda filha, de dez filhos do casal Natália Alina Ferreira Oliveira e



Nerino Mota Oliveira. Nasceu em Santarém, no Estado do Pará, em 1949, mas veio muito jovem com a família para Macapá, onde viveu praticamente sua vida inteira, ausentando-se apenas nos períodos em que buscava formação profissional.

Casou-se pela primeira vez aos 23 anos, com Azarias Neto, com quem teve seus dois filhos: Fabrício Oliveira da Costa e Jonatas Oliveira da Costa. Porém, também muito jovem ficou viúva.

Sua irmã Rosalda Ivone Oliveira Custódio (2020) conta que Raquel, assim como todos os irmãos, tiveram uma infância simples e feliz, posto que nunca lhes faltou amor e cuidados por parte dos pais, que incentivaram sempre os filhos a estudar, e que Raquel se destacava pela mentalidade voltada para os estudos. Ela também cursou música na Escola do Mestre Oscar e aprendeu tocar Acordeom e Piano.

Em 1984, Eduardo Celano Possas conheceu Ana Raquel, com quem se casou e acabou por se tornar sua companheira de vida. Dia 15 de maio de 2020, muito emocionado, ele relatou memórias felizes. Destacou o grande amor de ambos, que o fez desistir da sua paixão pelo Rio de Janeiro e pelo Carnaval e expressou como se sentia em relação ao seu falecimento: perda inesperada e irreparável!

Ao tratar do falecimento da ex-esposa, adentramos no contexto da pandemia de Covid-19, que assolou o Brasil e o mundo, ceifando vidas de profissionais brilhantes, dentre as quais a professora Ana Raquel Oliveira da Costa Possas, a quem por meio da produção deste texto, prestamos uma homenagem póstuma.

Os casos da doença Covid-19 no Estado do Amapá foram noticiados na rede social e websites oficiais do governo federal e estadual, no período de março até novembro de 2020. O fato da doença ainda não ter vacina no Brasil, impactou bastante em relação aos indicadores relacionados à quantidade de doentes, recuperados e óbitos.

Os indicadores de óbitos referem-se a população amapaense que se infectou com o Sars-CoV-2 e que mesmo atendendo as medidas e orientações das autoridades do governo local e profissionais da saúde, e que receberam tratamento médico, faleceram. Até 30 de novembro de 2020, no Estado do Amapá, o *Boletim Informativo Covid-19* registrou 59131 casos confirmados, 1904 em análise laboratorial e 807 óbitos em quinze municípios (AMAPÁ, 2020d).

No website inumeraveis.com.br, que é um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil, Possas (2020) prestou mais uma homenagem à sua amada:

Cativava a todos com seu sorriso e sua elegância.

Raquel era uma mulher virtuosa. Por onde passou sempre carregou uma liderança, na família, no trabalho como professora universitária e na igreja batista onde dava aulas, pregava. Sua maior alegria era reger o coral onde apresentava louvores ao Senhor.

Todos falam de seu sorriso e sua elegância. Nunca saía desarrumada e sem o batom. Amiga e generosa, foi mãe de dois filhos, de quem cuidava com valentia, e avó de três netos, de quem fazia todas as vontades. Foi uma esposa que sempre me apoiou e amou até no último dia. Hoje, uma saudade que remói meu coração.

Seu filho mais velho, Fabrício Oliveira da Costa, ao descrever sua mãe, revela o ser humano iluminado que foi Ana Raquel:



Minha mãe foi um exemplo de mulher cristã, de esposa e de profissional da educação no ensino superior (UNIFAP). Uma mulher admirável e muito amada por todos da família, pois esbanjava carinho e amor por todos. Ela não media esforços e se importava com os mínimos detalhes, sempre disposta a ajudar e fazer o bem. Também ajudava a todos da família Oliveira, pois sempre tinha uma palavra sábia e de fé, era muito dedicada aos serviços cristãos por onde passou, principalmente na Igreja Batista Memorial de Macapá. Ela foi uma esposa exemplar e uma mãe dedicada e protetora, muito amada pelo seu esposo e filhos. Foi o alicerce da família em todos os aspectos, uma avó amorosa, sempre muito preocupada com os estudos dos netos e sempre dedicava um dia na semana para levar os netos para passear, adorava viajar de férias com os filhos e netos, mãe/avó incrível para os meus filhos Vinícius, Daniel e Gabriel, além de ser sogra mãe para minha esposa Michelle. Nos direcionou no caminho da fé Cristã, nos ensinou que Deus sempre deveria estar em 1º lugar em nossas vidas. Se eu pudesse dizer algo, diria: Gratidão! Gratidão por tudo que sou, pelo que tenho, pelos ensinamentos que recebi, pelas palavras de carinho, fé e confiança, por toda proteção, pelo amor incondicional depositados em nossos corações. Hoje sou fisioterapeuta e professor universitário, amo minha profissão e amo ser professor. Sou fisioterapeuta porque a senhora escolheu essa profissão para mim. Sou professor porque a profissão de professor me escolheu. Hoje eu sei que isso está ligado geneticamente. Nunca pensei em ser professor, mas dentro de casa eu tinha uma professora dedicada e querida e isso herdei da minha mãe. Obrigado minha mãezinha!

Jônatas Oliveira da Costa, o filho mais novo, se emociona ao falar de sua mãe de forma tão profunda:

Minha mãe e eu tínhamos uma relação muito forte. Éramos amigos, confidentes e cúmplices. Como nada é perfeito, houve uma fase da nossa vida, na qual nos afastamos um pouco, devido aos conflitos de ideias, mas esta fase não durou muito. Ela serviu para fortalecer nossos laços. Eu perdi a pessoa que mais amava aqui na Terra. Não casei e não constituí família, então, minha mãe era tudo para mim. Fui mutilado no dia 29 de abril de 2020. Não sinto apenas saudades, mas uma dor intensa, a qual vou mascarar-la em algum momento, mesmo sabendo que ela ficará latente. Deus, na sua infinita bondade, avisou-me de seu falecimento, algo sobrenatural, em que ouvi claramente a voz dela. Foi um presente de Deus. Assim, como foi um grande presente ter sido filho de Ana Raquel. Hoje, passados quase 8 meses, não há um dia em que não penso nela, ou falo ou pergunto algo, que ela responderia com grande sabedoria, que o tempo lhe concedeu. Se eu pudesse vê-la mais uma vez, se isso fosse possível, apenas daria um abraço bem apertado, beijaria seu rosto e sua testa. E diria: eu sei que você me ama e eu a amo muito, mãezinha! Chegará o dia em que estaremos juntos no Lar Celestial, louvando ao nosso Deus!

Ana Raquel passou por este mundo com delicadeza e sabedoria de poucos. Encantou por onde passou, ouviu, serviu e ajudou. Foi feliz e fez muitas pessoas felizes. Amou e foi amada, cumpriu o seu papel com maestria e foi embora como o melhor perfume se esvai em nossos sentidos. Mas seu legado permanece vivo dentro de cada pessoa que a conheceu e conviveu com ela vários momentos e lugares.

O seu nome merece ser reconhecido na área da Educação Matemática, pois ela dedicou a sua vida ao ensino da matemática no Território Federal e Estado do Amapá, além de atuar ativamente na formação de profissionais da área da Educação nos cursos de graduação



ofertados pela UNIFAP.

A professora Ana Raquel interagiu com os estudantes e professores do Curso de Graduação em Matemática, tendo como princípios, o respeito ao ser humano, a amizade e o incentivo à construção de novos saberes a partir do uso de material didático concreto, tanto industrializados, como aqueles que podemos elaborar utilizando materiais extraídos na natureza, materiais adaptados ou reciclados, o que se alicerçava na ideia de que os professores de matemática necessitam saber os assuntos da ciência matemática para ensinar, mas também as teorias, métodos e tendências de ensino.

O seu falecimento marcou professores e professoras que ao longo de sua qualificação docente ou carreira profissional, tiveram a honra de tê-la como colega de trabalho na educação básica ou superior ou como sua professora, orientadora de monitoria ou de pesquisa.

Esperamos que este texto possa suscitar a realização de outros estudos, que visem registrar as memórias de professores e estudantes ou ex-estudantes, para preservar as memórias das comunidades escolares e construir a história da educação matemática no Amapá.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto surgiu para atender a convocatória do Curso de Graduação em Matemática da UNIFAP, assim como para prestar uma homenagem póstuma à Ana Raquel Oliveira da Costa Possas, que exerceu o cargo público de professora do ensino básico do Ex-Território Federal do Amapá e que também trabalhou no corpo docente do Curso de Matemática da UNIFAP, obtendo em 2019, a sua aposentadoria.

Não é fácil lidar e falar das pessoas que faleceram da doença Covid-19, principalmente, quando só no Estado do Amapá, mais de 59 casos de óbitos foram registrados de 01 até 30 de novembro de 2020, variando de 748 a 807 casos (AMAPÁ, 2020c; 2020d). Esses dados estatísticos afetam nossa saúde mental, à medida que temos acesso às informações nos meios de comunicação ou rede social, assim como na nossa maneira de viver e trabalhar no isolamento social e confinamento em casa.

Nesse contexto, participar da produção deste texto-homenagem, para nós significa reviver e fortalecer nossas memórias do período que trabalhamos ou estudamos com a professora Ana Raquel na universidade. No exercício de rememorar fatos de nossas carreiras profissionais e formação acadêmica, o sentimento de gratidão é forte, porque convivemos com ela, essa admirável pioneira da educação matemática no Amapá, cuja sua maneira de ensinar se guiou pelo amor, pelo respeito ao ser humano e o incentivo aos estudantes na construção de novos saberes matemáticos.

REFERÊNCIAS

- AMAPÁ. Decreto nº 1414 de 19 de março de 2020. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391192>, Acesso em: 30/11/2020a.
- AMAPÁ. Decreto nº 1726 de 15 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=396133>, Acesso em: 30/11/2020b.
- AMAPÁ. Boletim Informativo Covid-19: Amapá, 01 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/3011/boletim-informativo-covid-19-amapa-01-de-novembro-de-2020>, Acesso em: 30/11/2020c.



- AMAPÁ. Boletim Informativo Covid-19: Amapá, 30 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/3011/boletim-informativo-covid-19-amapa-30-de-novembro-de-2020>, Acesso em: 30/11/2020d.
- BRASIL. Portaria nº 544 de 16 de junho de 2020. **Diário Oficial da União**, nº 114, Brasília, Seção 1, 17 de junho de 2020, p. 2.
- BRUNER, J. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CARVALHO, L. P. M.; VASQUEZ, E. L. Trajetória profissional de mulheres negras e professoras da educação penitenciária. In: FREITAS, D. C. G. et. al. (Org.). **Mulheres Negras: Protagonismo feminino, trajetórias e desafios**. 1.ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2020. p. 41-56.
- CNPQ. Currículo lattes de Ana Raquel Oliveira da Costa Possas. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>, Acesso em: 25/10/2020.
- D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: Da teoria à prática**. 4.ed. São Paulo: Papi-rus, 1998.
- EGRESSOS da turma de 1992 de Matemática. Homenagem póstuma à professora Ana Raquel Oliveira da Costa Possas, 30 de abril de 2020. Disponível em: <http://www.unifap.br/egressos-de-matematica-de-2012-prestam-homenagem-a-professora-ana-raquel/>, Acesso em: 25/10/2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FILHO, C. Coronavírus, SARS-CoV-2, COVID-19: saiba o que é cada termo. Disponível em: <http://www.minhavidacom.br/saude/materias/36108-coronavirus-sars-cov-2-covid-19-saiba-o-que-e-cada-termo>, Acesso em: 25/10/2020.
- ÍNDIO, R. Amapá perde a professora Ana Raquel para a Covid-19. 30 de abril de 2020. Disponível em: <https://selesnafes.com/2020/04/amapa-perde-a-professora-ana-raquel-para-a-covid/>, Acesso em: 25/10/2020.
- LACERDA, T. E.; TEDESCO, A. L. (Org.). **Educação em Tempos de Covid-19: Desafios e possibilidades**. Curitiba: Bagai, 2020.
- LIMA, L. O.; LIMA, A. E. O. **Aplicações da Teoria de Piaget ao Ensino da Matemática**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- LIMA, L. O.; LIMA, A. E. S. O. **Uma Escola Piagetiana**. Rio de Janeiro: Paidéia, 1981.
- LIMA, L. O. **Introdução à Pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LOBATO, M. **A Chave do Tamanho**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MACAPÁ. Decreto Nº 2602 de 15 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=398862>, Acesso em: 30/11/2020.
- MACHADO, N. J. **Matemática e Realidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- POSSAS, A. R. O. C. **A Prática Pedagógica enquanto Mediação entre a Etnomatemática e Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003a.
- POSSAS, A. R. O. C. De Professora a Educadora Matemática: uma história em construção. Macapá, 2003b. (Manuscrito de arquivo pessoal).
- POSSAS, A. R. O. C. De Professora a Educadora Matemática e Ambiental: uma história em construção. In: REIGOTA, M.; POSSAS, A. R. O.; RIBEIRO, A. C. (Org.). **Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental**. 1.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003c. p. 19-30. (Col. Metodologia e Pesquisa do Cotidiano, Vol. 1).
- POSSAS, A. R. O. C. Blog Educação Matemática. Disponível em: <http://anaraquelpossas.blogspot.com/2010/12/figuras-matematicas.html>, Acesso em: 25/10/2020.



- POSSAS, E. C. Ana Raquel de Oliveira Costa Possas. Disponível em: <http://inumeraveis.com.br/ana-raquel-oliveira-da-costa-possas>. Acesso em: 30/11/2020.
- REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- REIGOTA, M. **A Floresta e a Escola: Por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999.
- REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social**. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- REIGOTA, M.; POSSAS, A. R. O.; RIBEIRO, A. C. (Org.). **Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental**. 1.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (Col. Metodologia e Pesquisa do Cotidiano, Vol. 1).
- SANTOS, M. S.; FOURAUX, C. G. S.; OLIVEIRA, V. M. Narrativa como método de pesquisa. **Revista Valor**, Volta Redonda, Vol. 5, Edição Especial, p. 37-51, 2020.
- SILVA, D. K. C.; VASQUEZ, E. L.; FEIO, L. S. R. Saberes Matemáticos e Práticas Docentes: Narrativas de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. GONÇALVES, T. V. O.; FRAIHA-MARTINS, F. (Org.). **Saberes docentes em Ciências e Matemáticas na Amazônia Brasileira**. 1.ed. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2017. p. 303-322. Vol. 1.
- RUSSO, R.; VILLA-LOBOS, D. Love in the Afternoon. 2020. Disponível em: <http://www.lettas.mus.br/legiao-urbana/1326417/>, Acesso em: 25/10/2020.
- UNIFAP. Nota de pesar. 29 de abril de 2020. Disponível em: <http://www2.unifap.br/matematica/?p=4910>, Acesso em: 25/10/2020a.
- UNIFAP. Memorando Circular nº 48/2020-CCM. Macapá, 24 de junho de 2020b.
- UNIFAP. Docentes. Disponível em: http://www2.unifap.br/matematica/?page_id=7, Acesso em: 25/10/2020c.
- VALENTE, W. R. (Org.). **Euclides Roxo e a Modernização do Ensino da Matemática no Brasil**. São Paulo: Ed. Da SBEM, 2003.
- VALENTE, W. R. (Org.). **Ubiratan D'Ambrosio: Conversas, memórias, vida acadêmica, orientandos, educação matemática, etnomatemática, história da matemática, inventário e sumário do arquivo pessoal**. São Paulo: Ed. Annablume, 2007.

Recebido: 12/12/2020.

Revisado: 15/12/2020.

Aprovado: 17/12/2020.

